

## o fogo de foucault | salete oliveira e edson passetti\*

Michel Foucault. *Ditos e escritos IV*. (Org. Manoel Barros da Motta e tradução de Vera Lúcia A. Ribeiro). Rio de Janeiro, Forense, 2003, 390 pp.

Chega em português, o quarto volume de *Ditos e escritos*. Como sabe o leitor que acompanha a publicação da Forense, o organizador Manoel Barros da Motta optou por selecionar por blocos temáticos quase todos os ditos e escritos de Foucault publicados em francês. Soluções como esta apresentam desvantagens em relação à obra original unicamente por privar o leitor da exaustiva compilação levada a cabo por Daniel Defert e François Ewald. Mas de outro lado surpreende o leitor, como no caso deste volume. Aqui está um Foucault em chamas, a vida do fogo, da revolta, da rebeldia, da demolição, sem medo de ser chamado de radical.

Não há concessões como no debate com o lingüista anarquista Noam Chomsky que soa diante dos argumentos iracundos de Foucault como um bem comportado filósofo no MIT estadunidense. Aparecem os seus vínculos com o GIP (Grupo de Informações sobre Prisões) e o manifesto já conhecido no Brasil a partir da tradução do *Michel Foucault*, de Didier Eribon. Foucault aparta-se da posição clássica de esquerda e amplamente defendida por Sartre privilegiando os presos políticos. Defende a mesma condição para presos comuns e políticos; aprende com Jean Genet os efeitos da secular separação difundida pela burguesia que opõe presos políticos a delinquentes. Remexe nas forças em relações por dentro e por fora das grades (na contundente entrevista “Attica”), escancarando os anos que antecede-

dem *Vigiar e punir* com seus efeitos sobre este especial livro contra as prisões.

Aqui há o fogo de quem não teme dizer que a prisão é uma criação recente que emana do direito e que o direito é sempre burguês, forma de domínio. Foucault não quer humanizar a polícia, agilizar a justiça, reformar o sistema penal. Nos seus ditos e escritos nos familiarizamos com a estratégia genealógica. A cada movimento, segundo as forças em luta, Foucault afirma de uma maneira. Ele é capaz de defender a reforma (para falar de uma reforma da prisão como fim da prisão), a seguir detonar os reformistas e por vezes associar o reformador ao revolucionário. O preciosismo conceitual está de lado. Foucault é importante pelo avesso que Leonard propõe (leia “A poeira e a nuvem”); é um instrumento para a des-disciplinarização, não fala em nome de ninguém. Ao lado de Deleuze e com Reich, contesta a criação do nazismo como o mal exterior, por ser a vontade de cada um. Não evita autores, incorpora suas idéias evitando notas de rodapé. Quem está na jogada, quem pode estar, entram todos no fogo. É preciso manter a chama ardendo. Foucault revira a mesa, acaba com a baboseira dos juristas e dos defensores de direitos e da sociedade. Mas também, estrategicamente, grita ao lado dos prisioneiros contra a fedentina das prisões francesas e o corredor E de Attica, o corredor da psiquiatria.

Aqui faltam pelo menos dois ou três contundentes pronunciamentos de Foucault. De 1979, o resumo do curso no Collège de France “La fobie d’État”, publicado inicialmente no *Libération* de junho/julho de 1984, quando o Estado aparece como efeito móvel de um regime de governamentalidades múltiplas. Em “Qu’apelle-t-on punir?”, entrevista de 1983, publicada em Bruxelas no ano seguinte na *Revue de l’Université de Bruxelles*, nº 1-4, na qual é apresentada a Foucault a tese

abolicionista penal como sendo uma possível continuidade para as decorrências de *Vigiar e punir*. Em 1981, pronuncia em Genebra, “Face aux gouvernements lês droits de l’Homme”, durante a criação do comitê internacional para defender os direitos humanos, quando além de realçar o papel de cada um na contenção ao monopólio estatal sobre nossas vontades afirma, nietzscheanamente, que devemos rechaçar também o papel de pura indignação que o Estado espera de nós. Novamente, estrategicamente, Foucault usa do discurso do direito para destruí-lo. A chama permanecerá ardente de vida até quando for apanhado pela morte.

O *Ditos e escritos IV*, trazido pelo organizador da Motta, é um convite a sair da contemplação e da acomodação. Faz ecoar palavras ditas e escritas por Foucault sobre uma sociedade que se funda na punição, não só na prisão, mas desde a educação de crianças. Um grande livro se escreve com a intensidade das experiências da vida. *Vigiar e punir* existe em sua potência porque havia uma vida atravessada pela “vontade de combate”, expressão usada e abusada por Foucault para precisar atitudes de coragem que habitam cada lugar de onde se fala na urgência do que se diz. *Vigiar e punir* não é nem o estudo de um período histórico, nem o retrato bem acabado de uma análise sociológica sobre a delinquência após a pesquisa participativa do pesquisador junto aos presos, tampouco se limita a ser um arsenal de ferramentas para análise sobre o tema. Ele é um problema, problema incendiário, um “livro-bomba”, como responde Foucault a um estudante, em Los Angeles (veja “Diálogo sobre o poder”), quando perguntado sobre qual o papel que devem assumir as ferramentas e as descobertas intelectuais.

O Foucault que nos chega neste ditos-bomba-escritos-bomba, principalmente de maneira mais concentra-

da até a metade do livro, é aquele exasperado que transita alucinadamente da academia às portas da prisão. Um Foucault incontível em sua própria desmesura e audácia. Vontade de combate ousada que desperta o ódio e a inveja, tanto daqueles que querem a prerrogativa da militância sob a direção de um pastor qualquer, quanto daqueles que se pretendem proprietários-especialistas da “severidade do porta-voz competente”.

Fogo-audaz. Este é o Foucault que interessa a abolicionistas e anarquistas. Mesmo que ele não o diga — pois já havia há muito tempo se recusado em ficar disponível a ser localizado pelo poder —, trata-se de um Foucault anarquista e ele bem o sabe, não por intermédio de uma interpretação externa posterior tecida por outrem, mas por aquilo que o seu próprio corpo experimenta. Aquilo que range, deforma, grita. Ele é um anarquista e nós também. Quem nos diz? O fogo que habita em nossos corpos precários. Eles existem, insistem e não vão cessar de resistir e inventar outros fogos-bomba. Vontade de combate viva.

Deveremos gastar mais alguma palavra acerca dos excelentes preparativos do príncipe da Ordem dos Benfeitores e sobre os projetos filantrópicos do romancista? Todos eles procuram abalar os homens através de recompensas e de punições até que faça da virtude a sua soberana! Elaboram-se propostas sem conta para melhorar o Estado, tal como antes da Reforma se fazia para melhorar a Igreja: procura-se melhorar onde já não há nada para melhorar.

Max Stirner

